

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO DE JORNALISMO

MARINA ROBERTA LOPES CRUZ

**RELATÓRIO DO PROJETO EXPERIMENTAL: “MEMÓRIAS DE UMA
JORNADA”.**

SÃO BORJA/RS

2023

MARINA ROBERTA LOPES CRUZ

**RELATÓRIO DO PROJETO EXPERIMENTAL: “MEMÓRIAS DE UMA
JORNADA”.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Jornalismo da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para obtenção do
Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Eloísa Joseane da Cunha
Klein.

SÃO BORJA/RS

2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

CC95711 Cruz, Marina Roberta Lopes

Livro-Reportagem Perfil: Memórias de uma
jornada / Marina Roberta Lopes Cruz.

38 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) --
Universidade Federal do Pampa, JORNALISMO, 2023.
"Orientação: Eloísa Joseane da Cunha Klein".

1. pessoas com deficiência. 2. livro
reportagem. 3. mercado de trabalho. I. Título.

MARINA ROBERTA LOPES CRUZ

RELATÓRIO DO PROJETO EXPERIMENTAL: "MEMÓRIAS DE UMA JORNADA".

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 19/02/2023.

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Eloisa Joseane da Cunha Klein
Orientadora
UNIPAMPA

Prof. Dr. Leandro Ramires Comassetto
UNIPAMPA

Prof.^a Dra. Alciane Nolibos Baccin
UNIPAMPA



Assinado eletronicamente por **ALCIANE NOLIBOS BACCIN, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 02/02/2023, às 11:33, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LEANDRO RAMIRES COMASSETTO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 02/02/2023, às 15:19, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ELOISA JOSEANE DA CUNHA KLEIN, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/02/2023, às 12:38, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1044095** e o código CRC **9C96A846**.

RESUMO

O presente relatório trata sobre o livro-reportagem "Memórias de uma jornada", que retrata sobre quatro relatos de casos de jornalistas PCDs no mercado de trabalho no Maranhão, de modo que se conheça a vida desses personagens e o contexto histórico-cultural que estão inseridos. Para isso, utiliza o Jornalismo Literário como estilo de narrativa, como também os recursos da pesquisa etnográfica, a fim de evidenciar a singularidade de cada caso e também permitir uma reflexão social mais ampla. Para tanto, busca dados de contexto, definições sobre Pessoas com Deficiência e aspectos problematizadores sobre sua inserção no mercado de trabalho. Tais percursos são desenvolvidos com o objetivo de qualificar a construção da abordagem sobre este segmento populacional, que apesar de tão amplo, no Brasil, ainda encontra dificuldades de acesso ao trabalho. Como também, evidencia que ainda é necessário dar visibilidade às questões que são importantes para efetivamente buscar a inclusão na sociedade. Logo, o livro-reportagem apresenta perfis de jornalistas PCDs maranhenses no mercado de trabalho, sendo um deles da autora, com diferentes tipos de deficiências. Com esse propósito, a escolha de elaborar um livro-reportagem foi motivada principalmente por ser uma ferramenta que permite trabalhar com a reportagem em profundidade, na qual se pode ter uma investigação mais elaborada e maior liberdade narrativa, que se encontra disponível em formato e-book no site da Academia.edu.

Palavras-chave: pessoas com deficiência; livro reportagem; mercado de trabalho.

Link do livro:

https://www.academia.edu/97582086/Livro_Reportagem_Perfil_Mem%C3%B3rias_de_uma_jornada

ABSTRACT

This report deals with the book-report "Memories of a journey", which portrays four case reports of PCD journalists in the labor market in Maranhão, so that the lives of these characters and the historical-cultural context that are inserted. For this, it uses Literary Journalism as a narrative style, as well as the resources of ethnographic research, in order to highlight the uniqueness of each case and also allow for a broader social reflection. To do so, it seeks context data, definitions about People with Disabilities and problematizing aspects about their insertion in the labor market. Such paths are developed with the aim of qualifying the construction of the approach to this population segment, which despite being so large, in Brazil, still finds it difficult to access work. It also shows that it is still necessary to give visibility to issues that are important to effectively seek inclusion in society. Therefore, the book-report presents profiles of PCD journalists from Maranhão in the labor market, one of them being the author, with different types of disabilities. With this purpose in mind, the choice to create a book-report was motivated mainly because it is a tool that allows working with in-depth reporting, in which you can have a more elaborate investigation and greater narrative freedom, which is available in e-format. book on the Academia.edu website.

Keywords: disabled persons; book reporting; labor market.

Book link:

https://www.academia.edu/97582086/Livro_Reportagem_Perfil_Mem%C3%B3rias_de_uma_jornada

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Jornalista Maxim Miftakhov.....	17
Figura 2- Jornalista Amid Gasanguleev.....	19
Figura 3- Livro "Sobre limão e linhas tortas".....	28
Figura 4- Livro "Holocausto Brasileiro".....	28
Figura 5- Livro "Memórias de uma jornada".....	32
Figura 6- Capítulo de depoimento da autora.....	33
Figura 7- Capítulo de depoimento da Victória Chaves.....	34
Figura 8- Capítulo de depoimento da Maxiny Foicinha.....	34
Figura 9- Capítulo de depoimento do Ronilson Almeida.....	35
Figura 10- A tipografia escolhida para o livro "Memórias de uma jornada".....	36
Figura 11- Fonte escolhida para o corpo do texto e intertítulos para o livro "Memórias de uma jornada".....	36

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Roteiro de entrevista.....	24
--------------------------------------	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	REVISÃO DE LITERATURA	11
2.1	A inclusão de pessoas com deficiência e o contexto de trabalho no jornalismo	12
2.2	Conceitos de Pessoas com deficiência e de Inclusão	13
2.3	Direitos das pessoas com deficiência	14
2.4	PCDs jornalistas	16
3	METODOLOGIA DO PROJETO EXPERIMENTAL	19
3.1	Estudo de caso	20
3.2	Etnografia	21
4	DESCRIÇÃO DO PRODUTO	23
4.1	Diário de campo	24
4.2	Livro reportagem	25
4.3	Produção da reportagem	29
4.4	Escrita do texto	31
4.5	Escolha de título e capa	32
4.6	Capítulo de depoimento pessoal	33
4.7	Definição de cada capítulo	31
4.8	Escolha de formato e diagramação	33
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
	REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é um relatório do projeto experimental “Memórias de uma jornada”, livro reportagem baseado em três entrevistas e o depoimento da autora. O livro teve como objetivo geral caracterizar a inserção de pessoas com deficiência dentro do mercado de trabalho evidenciando as dificuldades, desafios e aprendizados, sobretudo na profissão de jornalistas recém graduados no estado do Maranhão. O mercado de trabalho para pessoas com deficiência se tornou cada vez mais desafiador em todo país, visto que ainda existem obstáculos a superar no processo de construir uma carreira jornalística notória, tais como: lugar de fala e espaço; visibilidade; inclusão; assertividade; e entre outros fatores que cercam estas barreiras culturais e atitudinais por parte da sociedade.

De acordo com o Censo Demográfico do IBGE realizado em 2010, foi indicado que 23,9% da população brasileira possuía pelo menos uma das deficiências investigadas: visual, auditiva, motora e mental ou intelectual. Destes, mais de 23,7 milhões não estavam empregadas, correspondendo apenas 1% dos brasileiros com deficiência que estão no mercado de trabalho. É ainda mais alarmante quando não há dados suficientes de quantos jornalistas empregados é PCD, existindo apenas alguns registros isolados destes profissionais atuando no campo jornalístico.

Estes aspectos pessoais são levados em consideração para o tipo de enquadramento que será dado às demais fases da pesquisa. A escolha do livro reportagem com perfis de pessoas reais, também pretende trazer ao debate público questões subjetivas que são vivenciadas todos os dias por pessoas deficientes.

Nesse sentido, ao evidenciar as barreiras destas pessoas no mercado de trabalho, percebeu-se que, em razão da temática do trabalho, utilizou-se de memórias como parte da categoria de narrativas biográficas, seja sobre a vida de uma pessoa e aos momentos em que esta participou. Sendo assim, objetivou-se demonstrar o reflexo e o papel já assumido ao longo do tempo por toda a sociedade, em segregar e excluir esta parcela da população em todas as fases de sua vida.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Para que a presente pesquisa atinja seus propósitos, é necessário que se faça uma contextualização acerca das teorias e artigos existentes, a fim de se ter uma consistência técnica científica. Nesse sentido, foram abordados os seguintes temas: a inclusão de pessoas com deficiência (PCDs) e o seu contexto de trabalho no jornalismo; o conceito de pessoas com deficiência e o significado de inclusão; o direito das pessoas com deficiências;

e também a história de PCDs jornalistas, estes que foram utilizados para a análise do problema suscitado neste trabalho.

2.1 A inclusão de pessoas com deficiência e o contexto de trabalho no jornalismo

O papel da mídia é abordado no que diz respeito tanto ao jornalismo, quanto às emissões e publicações voltadas para a ficção e o entretenimento. Sendo essa, uma direcionadora de imagens públicas. Isto é, como participante ativa da formação do imaginário popular. A respeito deste papel, Hoffmann (s.d, apud SAKER, 2010), aponta que os veículos midiáticos se valem frequentemente do uso de estereótipos, “justificados” por uma necessidade de simplificar as informações transmitidas. Diante disso, pode-se inferir que apesar de hodiernamente viver-se em uma sociedade com facilidade de acesso às informações, o preconceito e a criação de estereótipos como meio de classificação, ainda é predominante.

Oito imagens ou estereótipos foram listados no que diz respeito às imagens públicas dadas às pessoas com deficiência, sendo elas: a primeira, refere-se a invisibilidade do tema na mídia, no jornalismo e na publicidade, tendo em vista que se ignora a existência das pessoas com deficiência na sociedade, bem como suas vozes e suas pautas. Esta é possivelmente, a “imagem” mais frequente deste setor social nos meios de comunicação; a segunda, tem-se representação da pessoa com deficiência como um indivíduo patético, digno de pena, pois esta pessoa é reconhecida, mas não é vista como um cidadão dotado de capacidades para viver em sociedade; a terceira, observa-se a retratação da “super pessoa com deficiência”, à qual se atribuem habilidades especiais, segundo este estereótipo, por exemplo, um indivíduo cego teria a falta da visão compensada por um desenvolvimento superior dos seus demais sentidos.

Nesta categoria, denota-se a supervalorização de um feito atingido por uma pessoa com deficiência, tal como apontado pelo jornalista Marcos Peres, no mesmo seminário. Um exemplo disso, é o caso da qualificação da vitória de um atleta nas Paraolimpíadas como sendo uma “superação”, sendo isto algo além da compreensão humana. Uma superação da deficiência, ignorando assim todo o treinamento intenso do atleta para atingir a vitória em uma competição de alto rendimento.

Para o jornalista, “superação” significa “chegar aonde ninguém chegou”, trata-se de algo que independe de uma deficiência. Na quarta, tem-se a pessoa com deficiência como sinistra ou má, como um indivíduo cuja deficiência é um sinal do mal ou de sua punição pelo seu mal. Como foi anteriormente apresentado, trata-se de uma visão semelhante à visão da

antiga sociedade hebraica sobre a deficiência; a quinta, expressa-se a transmissão da ideia de que as pessoas com deficiência estariam mais bem mortas, já que seriam incapazes de decidir pelo direito à vida.

Na sexta, é possível observar as pessoas com deficiência como mal ajustadas e amargas, indispostas a conviverem em sociedade, como mostrado no filme *Forrest Gump*, em relação ao personagem militar que perde suas pernas durante a guerra. Vale ressaltar que, segundo esta visão, a indisposição a conviver em sociedade vem da própria pessoa com deficiência, não se tratando de um efeito da indisposição da sociedade que a cerca; a sétima, tem-se representação das pessoas com deficiência como sendo fardos para a sociedade. Segundo Hoffmann (s.d, apud SAKER, 2010), era desta forma que os indivíduos com deficiência eram vistos durante o nazismo; e por fim, na oitava, a imagem da pessoa com deficiência como alguém incapaz de ter uma vida de sucesso.

Não importam os talentos, os esforços, as individualidades de cada um, uma pessoa com deficiência sempre será uma pessoa com deficiência, fadada ao fracasso, segundo este estereótipo. Diante disso, geram-se consequências a partir da visão que a sociedade forma em relação às pessoas com deficiência, tais como: medo, pena, assistencialismo desnecessário e falta de conhecimento acerca do tema. Mas, as consequências não acabam aí. É essencial lembrar que as pessoas com deficiência são parte da sociedade – e, como tais, também são influenciadas pelas imagens públicas, incluindo as que dizem respeito a elas mesmas. Desta forma, os estigmas sociais presentes nas mensagens midiáticas em relação aos cidadãos com deficiência não afetam apenas a imagem que as pessoas possuem como um todo acerca desse público. Mas, também afeta a autoimagem delas, trazendo a ideia de que não se pode ser o que não se pode ver.

2.2 Conceitos de Pessoas com deficiência e de Inclusão

A deficiência é um conceito em evolução. Ela resulta da interação entre pessoas com deficiência e as barreiras devidas às atitudes e ao ambiente que impedem a plena e efetiva participação das pessoas na sociedade, em igualdade de oportunidade com as demais pessoas. (ARAÚJO, 2006). Para fundamentar o contexto da “inclusão” é necessário compreender sobre o antagonismo que a palavra empreende, ou seja, o conceito de “exclusão”. O significado da palavra exclusão segundo o dicionário de língua portuguesa, Aurélio (2004), remete ao seguinte: “ação ou efeito de excluir, de segregar, de deixar de fora”.

O conceito de exclusão é frequentemente vinculado ao conceito de inclusão em sentido oposto. De acordo com Castro (2006), a compreensão das políticas de inclusão exige

uma exposição relacional entre os dois conceitos. Análogo a isso, segundo Crespo (2000), o conceito de inclusão, possui referência em discursos progressistas e conservadores, a diferentes posicionamentos político-ideológicos, gerando dificuldades para identificar suas filiações. Ao mesmo tempo, tem sido tratado em oposição à exclusão. A autora, em sua análise, observa que em um período histórico de “tamanho desigualdade” social, o conceito da inclusão ganhou força por parte de agências multilaterais e governos de diferentes países.

O autor Fávero (2004), aborda a concepção parsoniana, em especial nas obras em que discute a inclusão como parte do sistema social e sua estrutura, compreendendo-a através do funcionalismo. Além disso, concebe a abordagem sobre inclusão sendo umas das etapas constitutivas da “estrutura do sistema social”: Segundo essa perspectiva analítica, no processo social tem-se uma “diferenciação” de grupos sociais, estes que antes não eram percebidos no conjunto da sociedade. A partir disso, para o autor, cria-se a necessidade de promover a “capacidade adaptativa” ou “adaptação” e a “generalização de valores”. Esta última etapa é que se denomina “inclusão”, na compreensão parsoniana. Isto é, a difusão para toda a sociedade de valores comuns e determinados como favoráveis ao seu bom desenvolvimento, mas não descuidando dos estágios anteriores de seleção, diferenciação e adaptação, que são fundamentais nesta concepção.

2.3 Direitos das pessoas com deficiência

O discurso de igualdade é pregado e discutido nas muitas esferas da sociedade, mas sua concretização de fato está longe do desejado. A integração das Pessoas com Deficiência na sociedade globalizada passa por inúmeros desafios devido às suas dificuldades e limitações, necessitando também ter sua identidade reconhecida e romper com a tradição de uma globalização que as segrega, uma sociedade que as marginaliza e exclui. (FEIJÓ, 2002).

Segundo Gracia (2006), a legislação ainda esbarra na prática que tem caráter assistencialista e segregador. Apesar das conquistas no que tange à dimensão legal, as formas como as pessoas portadoras de deficiência são vistas pela sociedade globalizada não é muito diferente da forma como eram vistas e tratadas nos primórdios da civilização. Este público tende a ter maior dificuldade quanto a sua inclusão social em razão das características culturais da sociedade e por padrões que são instituídos pelos sistemas. Para isso, é essencial o olhar inclinado do Estado na defesa de seus direitos e políticas, para que sejam asseguradas mudanças contestáveis por parte do empresariado, para que assim possam compreender que deficiência não é sinônimo de incapacidade.

Cabe à sociedade eliminar todas as barreiras arquitetônicas, programáticas,

metodológicas, instrumentais, comunicacionais, e atitudinais para que as pessoas com deficiência possam ter acesso aos serviços, lugares, informações e bens necessários ao desenvolvimento pessoal, social, educacional e profissional. (NASCIMENTO, 2001, p. 45).

A importância de falarmos sobre o trabalho e suas configurações refletem no fato de que as Pessoas com Deficiência sempre estiveram à margem do capitalismo. Análogo a isso, a luta por direitos e igualdade se tornou concreta no Brasil com a Constituição de 1988. Como também, a Política Nacional de Inclusão da Pessoa com Deficiência no Mercado de Trabalho em 1991.

Antes de abordar sobre o direito das pessoas com deficiência, é necessário refletir sobre a concepção do próprio “Direito” e a finalidade em criar dispositivos para garantir ações para que elas possam viver bem em sociedade. De acordo com Feijó (2002), o Direito na condição de ciência que descreve e revela; pesquisa e esclarece; coordena e explicita a vida jurídica de um povo em seus mais variados aspectos. O autor considera que não se pode deixar de lado os aspectos históricos e um olhar para os fundamentos de cunho social, político, econômico e cultural que dirigem a conduta “do conglomerado humano”.

Também, menciona que o Direito é tanto uma ciência histórica quanto jurídica e que apresenta dualidade e em face disso, sua área de atuação não se restringe a limites rígidos ou previamente direcionados. Tendo em vista que não se conforma com a mera descrição dos fenômenos jurídicos, deve compreendê-los e explicá-los desde o momento em que sucederam, como na sequência temporal na qual persistiram sobrevivendo ou deixando de existir (GRACIA, 2006).

Nessa perspectiva, o autor menciona que entender o significado e o alcance de um determinado ordenamento jurídico, não é uma tarefa fácil e que, para isso, o pesquisador precisa desdobrar o seu estudo por etapas estabelecendo uma ordem assim determinada: atentar-se ao conteúdo das normas e instituições; para as condições sociais que levaram ao estabelecimento daquelas e destas; analisar o problema da efetividade do ordenamento no meio que lhe corresponde, certificando-se de que forma e em que medidas tais e quais institutos ainda se encontram válidos, por quê desapareceram, ou, ainda, por que não dispõem nem exercem mais a influência que antes gozavam.

Um esforço de tal porte não interessa apenas sob o ponto de vista histórico, circunscrito ao retrospecto dos fatos e atos vividos e legados aos pósteros. Mas, traduz utilidade, também, ao jurista de hoje, prático, técnico, dogmático, pois não é possível desvincular o Direito atual das causas que determinaram a sua juridicidade. (NASCIMENTO, 2001)

Ao falar sobre o “Direito” das pessoas com deficiência, vale dizer que este direito é definido como “Direito Social”. De acordo com Fávero (2004), direitos sociais em si são direitos substantivos ou materiais, visto que fazem parte da rotina do indivíduo em relações sociais e integram a esfera jurídica de seus titulares. Nesse sentido, ao falar nas relações sociais do indivíduo, quando uma lesão ou constatação de lesão a este direito e a concepção de que havendo ameaça a esse direito, tal situação passará a fazer parte da esfera processual. (FÁVERO 2004).

A despeito disso, frisa-se que quando há a garantia de direitos civis e, também políticos, tem-se a observância dos direitos sociais, culturais e econômicos. O cuidado que estabelece nosso ordenamento jurídico é que nenhum deles seja violado, sob pena de os outros também o serem. É importante destacar que a base dos direitos sociais está vinculada ao princípio da dignidade da pessoa humana, aqui, quando há resolução de conflitos por parte do poder judiciário, servindo de norte para efetivar/validar o direito. Quando se trata de políticas públicas, essa análise converge com as demandas que serão atendidas por parte do poder executivo.

Os Direitos Sociais são referendados pela Carta Magna brasileira, pois em seu preâmbulo menciona que para instituir um Estado democrático é preciso assegurar: o exercício dos direitos sociais e individuais; a liberdade; a segurança; o bem-estar; o desenvolvimento; a igualdade e a justiça, como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos. Fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional.

2.4 PCDs jornalistas

A Organização Mundial da Saúde (OMS) relata que aproximadamente 15% da população global, ou 1 bilhão de pessoas, tem alguma forma de deficiência. No entanto, não existem estatísticas relevantes disponíveis sobre quantos jornalistas vivem com deficiência. Mas, a ausência de dados estatísticos não equivale à ausência de pessoas cujas histórias desempenham um papel crítico tanto na compreensão do setor, quanto na visão de um futuro mais inclusivo. As histórias de jornalistas com deficiência contam não apenas os desafios que enfrentam, mas também o sucesso de seu trabalho no mundo da mídia, apesar das limitações existentes. A IJNet entrevistou jornalistas da Europa Oriental e Sul do Cáucaso sobre seu trabalho. Diante disso, buscou-se relatos de quatro jornalistas que vivenciam dificuldades e suas estratégias de enfrentamento em seus cotidianos por terem alguma deficiência.

O primeiro é o jornalista Maxim Miftakhov Chisinau, da Moldávia, que ao ser entrevistado falou um pouco de suas dificuldades diante das suas vivências enquanto pessoa PCD. Ele diz “Uma vez, minha bengala foi roubada”. E dá seguimento a sua fala: “No boletim policial, eles escreveram que eu era uma ‘pessoa deficiente’. Eu os corriji, dizendo ‘pessoa com necessidades especiais’”. Maxim Miftakhov começou sua carreira em 2014, na mídia online russa Sputnik, como repórter de notícias. Hoje, ele trabalha como jornalista independente e cobre questões sociais para o Komsomolskaya Pravda, uma publicação na Moldávia. O jornalista tem uma forma leve de paralisia cerebral, que torna difícil controlar seus movimentos. Fora do trabalho, Miftakhov pratica dança de salão competitiva, sendo vencedor de dois prêmios em campeonatos.

Figura 1- Jornalista Maxim Miftakhov



Fonte: Arquivo pessoal do Facebook do jornalista.

O segundo caso é o da jornalista Marina Stashina-Neymet, também da Ucrânia. Ela relata que ao contrário de Miftakhov, ela prefere se denominar uma "pessoa com deficiência". Ela diz: “Uma ‘necessidade especial’ pode ser o desejo de beber café”, diz Stashina-Neymet, descrevendo por que ela prefere não usar o termo. Marina prefere a linguagem que prioriza a pessoa. Seus problemas de visão começaram quando ela ainda era uma criança.

Seu olho direito enxerga apenas a luz circundante, enquanto seu olho esquerdo funciona bem, e ela o usa para ler e escrever. Análogo a isso, dados da OMS sugerem que cerca de 2,2 bilhões de pessoas vivem com algum tipo de deficiência visual ou cegueira, mas não há estatísticas oficiais na Ucrânia. Uma estimativa aproximada sugere que mais de 70.000 ucranianos têm algum nível de deficiência visual.

Dando prosseguimento a fala da jornalista, ela diz: “As dificuldades que encontro estão no mundo exterior”. E conclui sua fala: “Na Ucrânia, o mundo está mal adaptado às minhas necessidades. Não temos cultura de eventos públicos inclusivos, por exemplo”. Diante disso, percebe-se as dificuldades cotidianas que as pessoas com deficiência vivenciam no seu dia a dia ao redor do mundo.

O terceiro caso é o de Vladimir Pyrig Lviv, jornalista da Ucrânia. Ele diz: “Adoro ouvir rádio desde pequeno. Na terceira série, perguntei como se chamam as pessoas que trabalhavam no rádio e me disseram que eram jornalistas”. Ele nunca trabalhou na rádio porque escolheu o jornalismo online. Desde 2014, ele trabalha em um dos sites regionais mais populares da Ucrânia, o Zaxid.net. Além disso, Pyrig está traduzindo o programa "Be My Eyes" para o ucraniano, que permite que pessoas cegas recebam assistência remota de voluntários com visão. Ele diz: “Posso ligar para os voluntários a qualquer hora e quem estiver online no momento recebe uma notificação”, explica. Como também aponta que às vezes é necessário que alguém o auxilie com o seu trabalho.

E por fim, o caso do jornalista Amid Gasanguleev Baku, do Azerbaijão. Ele relata: “Eu simplesmente não pensei que algo assim pudesse acontecer comigo. Concluí meus estudos na faculdade de direito, servi no exército, consegui meu primeiro emprego na TV e depois sofri um acidente de carro”, diz Amid Gasanguleev, apresentador de TV e designer gráfico, chefe do canal de TV ARB.

E prossegue: “Já se passaram dez anos. O acidente de carro mudou minha vida completamente.” Desde os 28 anos, o jornalista de Baku, no Azerbaijão, usa uma cadeira de rodas. Ainda segundo dados da OMS, 75 milhões de pessoas no mundo usam cadeiras de rodas diariamente: isso é 1% da população mundial.

O jornalista usou sua plataforma utilizando de sua profissão para compartilhar histórias sobre pessoas com deficiência como apresentador de seu próprio programa de TV, Biz Birik. E conclui: “Meus convidados sabem que eu os entendo. Às vezes vou para a sessão de fotos e há uma escada no prédio. Eu nunca me permiti pensar que vou desistir do meu emprego por causa de situações como esta. Se há algo que eu não posso fazer, peço ajuda.” Ele mesmo faz grande parte do trabalho de seu programa, buscando convidados, filmando e editando. Além disso, aconselha outros jornalistas visuais: “Aprenda a controlar o ambiente em sua cabeça, como se você já estivesse editando a história”, aponta o apresentador de TV.

Figura 2- Jornalista Amid Gasanguleev



Fonte: Facebook do jornalista (2023).

3 METODOLOGIA DO PROJETO EXPERIMENTAL

Analisando as questões referentes ao objeto de estudo, este trabalho teve como metodologia uma abordagem qualitativa, na qual visa uma compreensão aprofundada dos fenômenos em evidência, analisando e relacionando os dados. (WESCHENFELDER, 2019). Essa familiarização inicial é fundamental para a pesquisa em campo. Pois, é fundamental entender como influenciará na escolha dos métodos de análise e coletas de dados da pesquisa, permitindo se ater às questões centrais que a pesquisa tem a intenção de endereçar. (VERÓN, 1997).

Dentre os métodos qualitativos foi escolhido o etnográfico, por acreditar que o contato entre ambos é um vínculo entre subjetividades que descobrem a objetividade, a evidência e a converte em objeto de observação e análise. Segundo Ford (1999), as pesquisas qualitativas têm como matéria prima um conjunto de substantivos, cujos sentidos se complementam: “experiência, vivência, senso comum e ação”. E o movimento que informa qualquer abordagem, se baseia em quatro verbos: escutar, compreender, interpretar e dialetizar. A pesquisa qualitativa trabalha num universo de valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões, específicas de indivíduos ou grupos. Sendo, portanto, humanista. O investigador percebe o cenário e as pessoas com uma visão holística, separando as suas próprias crenças, perspectivas ou predisposições.

Portanto, ela é utilizada para a compreensão de fenômenos que podem ser caracterizados por elevada complexidade, como é o caso dos problemas relacionados ao trato com resíduos sólidos. A entrevista é um instrumento privilegiado para que o investigador

conheça, na perspectiva dos atores envolvidos, o sentido que eles mesmos conferem a suas ações. (CARLÓN e FAUSTO NETO, 2012).

Segundo Carlón e Fausto Neto (2012), a entrevista é um encontro entre duas pessoas que, em geral, não se conhecem e ocupam posições diferentes na sociedade. A diferença existente fora do ambiente da entrevista permanece. O pesquisador deve conduzir o diálogo de forma que o entrevistado se sinta à vontade e seguro para expor aquilo que pensa de forma que os dados coletados retratem a realidade de sua vida.

Por isso, é importante para o entrevistador buscar aproximar-se do entrevistado de forma bastante amistosa, criando um vínculo de confiança que os aproximem e garantam a fidedignidade do estudo. Certamente, essa aproximação pode tornar-se mais difícil nas entrevistas remotas. A pesquisa digital permite muito além de “fazer entrevistas” online. Os sujeitos da pesquisa podem ser (e muitos já são) produtores e editores de conteúdos em formatos diversos (fotos, textos, vídeos, imagens). O pesquisador pode pedir que os sujeitos produzam conteúdos, falando de suas experiências, pontos de vista, ideias e discutir os sentidos que lhes são atribuídos. (CASTRO, 2017).

O método etnográfico, possibilita o registro de informações sobre a vida social e possibilita ao entrevistador a participação e o questionamento para entender o que acontece. Como também, elucidá-los acerca do conhecimento da ordem social, ou seja, tal método se interessa pelo que as pessoas fazem, como se comportam, o que pensam e como interagem.

Por conseguinte, se julga indispensável à observação participativa por valorizar sobretudo a participação do pesquisador no local pesquisado, e a necessidade de ver o mundo através dos olhos dos pesquisados.

“Entre todos os pressupostos culturais que o pesquisador corre o risco de aplicar em suas interpretações, o ethos de classe, princípio a partir do qual se organizou a aquisição dos outros modelos inconscientes, exerce uma ação da forma mais larvar e mais sistemática”
(MOURA, 2016, P. 92).

É necessário que haja um desprendimento dos seus próprios julgamentos de valores e preconceitos enraizados a respeito do objeto da pesquisa. Os fatos, portanto, devem ser analisados e contextualizados sendo extraídos de uma leitura cultural e ideológica.

3.1 Estudo de caso

Partindo dessa premissa, este trabalho objetivou discorrer a respeito de processos metodológicos que possam contribuir com pesquisas no contexto dos estudos em mídiatização, principalmente em relação aos contornos dados a objetos e observáveis

relativos ao campo de investigação. Para tanto, faremos a explanação de algumas distinções entre o que entendemos por “caso midiático” e “caso midiático”, apontando este segundo enquanto uma possível abordagem para dar conta de problemas e objetivos que surgem nesse complexo cenário. (BRAGA, 2008).

O “estudo de caso” pode ser uma boa opção para resolver questões que envolvem processos comunicacionais. Segundo Becker (1999), principalmente aqueles que se referem a plataformas digitais, visto que o método possibilita ao pesquisador trabalhar variantes específicas, singularidades. Além disso, a diversidade crescente de perspectivas que se manifestam no campo da comunicação, inclusive as que enfatizam a midiática, é favorável à constituição de diferentes questões, aportes teóricos e observáveis que pedem diferentes decisões. Ao mesmo tempo, permitem refletir sobre as possibilidades de transferência entre casos, de cotejos e comparações elucidativas. (BECKER, 1999). O livro é um estudo de caso dentro das práticas jornalísticas que trabalha com histórias singulares para permitir a reflexão sobre os problemas sociais existentes na sociedade atual.

3.2 Etnografia

Foi utilizada uma perspectiva etnográfica como método, quando associada ao campo online tem sido reapropriada por muitas áreas que vão além da Antropologia. É fato que para os defensores das premissas clássicas do método antropológico, isso pode corresponder a uma perversão da tradição metodológica no exercício etnográfico desenvolvido no campo da cultura analisada em terra firme. No entanto, desprezar a condição digital da cultura contemporânea, a qual se alastra em todas as esferas das relações sociais (se apresentando também como campo e/ou objeto de pesquisa), é ignorar as recentes mídias no cotidiano das relações sociais como o fato social da nossa era. E tornar perecíveis os métodos antropológicos tradicionais para certas culturas, por não darem conta de explicar as relações culturais intoxicadas pelas tecnologias nas relações sociais e materiais.

Na Antropologia Clássica, livros, informantes e percursos terrestres eram tidos como condição para os contatos preliminares no início da pesquisa. No entanto, na esfera atual das relações sociais em rede, são comumente substituídos por ícones em telas conectadas via online. Portanto, é a partir da entrada nos sites de busca e nas redes sociais, onde se abarcam as referências preliminares das diferentes temáticas do estudo, correspondendo ao lugar onde se inicia o emprego da etnografia. (SKÅGBY, 2011).

A internet, como tal portal, pode convergir sobre o caminho da proposta etnográfica tradicional. Segundo Shepard (2011), é ação do etnógrafo observar e classificar os

fenômenos sociais, pois as diversas formas de olhar, agora em rede digital, que de antemão proporcionam o contato com um universo de possibilidades de estudos. A extensão do método para as práticas em rede não corrompe a Antropologia, ela reatualiza a etnografia pela possibilidade do encontro com uma série de dados, os quais, isolados, podem parecer insignificantes.

Este aspecto, demonstra a entrada ao campo como maneira preliminar para selecionar os dados, o que requer tanto para as sociedades antigas e tribais, como para as contemporâneas e representadas em redes digitais. Pelo acesso à conexão online, é possível garantir a observação e o contato como base preliminar, na busca online, como primeira fonte para a maioria dos objetos de estudo. Desse modo, pela viabilidade da tecnologia, facilita-se os registros e recortes que podem ser salvos em pastas digitais para posteriores análises sobre as articulações, proporções e relações dos fatos sociais diagnosticados. (MACKENZIE e WAJCMAN, 1999).

Para Levi Strauss (1973), é na mudança das formas da ciência de entender os fatos e, acrescenta-se aqui, nas convergências que os fatos podem fazer com as teorias aplicadas, onde se emerge o valor de descobrimento na pesquisa antropológica. As atenções sobre as dificuldades subjetivas nos estudos das culturas em redes digitais podem ainda seguir certas advertências da Antropologia, principalmente quando se atende ao perigo da observação superficial. Como também, a necessidade da catalogação e coleção de objetos tribais, que agora pode dar lugar à busca por expressões publicadas em redes sociais que podem justificar ou não as hipóteses que derivam do objeto de estudo.

Em todos os casos é preciso diagnosticar as hipóteses inúteis, com a devida atenção a cada grupo estudado e representado na esfera digital. Anotar e gravar as buscas realizadas compondo diferentes pastas e arquivos, faz parte do desempenho organizacional de qualquer pesquisa. Conforme Levi Strauss (1973), a qualidade metodológica desempenhada em qualquer campo está em reconhecer e identificar os princípios significantes do objeto estudado. Procedendo uma análise profunda que vai, necessariamente, de encontro com suas variáveis.

A condição da totalidade do acesso às tecnologias da comunicação online leva a reconhecer o posicionamento de Latour (1994), quando diz que somos todos nativos. O que demanda por um modelo de descrição do mundo nos coletivos sociais que se formam de maneira híbrida: em quase humanos e quase objetos – onde injustiçados, explorados, inadequados, invisíveis e impensados pela cultura de mercado, viram dispositivos do foco do trabalho de mediação. O que faz sentido quando a constituição social contemporânea continua

a intensificar a distinção entre os reconhecidos como humanos e os sem valor de humanidade, a legitimar, dessa forma, a capacidade da descrição antropológica em ser uma ciência que ultrapassa a sociologia do conhecimento.

As defesas de ideias radicais ou fundamentalistas, em publicações em redes sociais, tornam-se fragmentos das representações digitais da sociedade contemporânea. Estas dão amplitude a todas as vozes de todos grupos e comunidades, incluindo aqueles que não aceitam o outro em virtude de valores sociais baseados em nacionalidade, classe, raça e gênero. (HINE, 2008).

O que justifica, segundo Latour (1994), o fracasso do projeto de liberdade, igualdade e fraternidade, da modernidade diante das atuais crises das democracias do mundo. Tal acontecimento é digitalmente refletido e pode ser analisado e comprovado na ação dos atores sociais/digitais, e suas representações e registros publicados em rede. Por isso, a observação sobre tais demandas em redes sociais pode legitimar a extensão da etnografia tradicional ao campo online das relações sociais, representativas dos fatos sociais. Além disso, se usou essa base da etnografia para pensar questões como diário de campo, no qual, o contato frequente, a revisitação da fala do entrevistado que não é somente uma conversa que você tem com o perfilado, permitiu ter acesso a outros materiais pessoais para entender melhor essa narrativa e que esses recursos explicitam essa perspectiva etnográfica neste livro reportagem.

4 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O produto desenvolvido foi organizado em quatro capítulos, “Aprendi a me enxergar com amor olhando pra dentro”, “Minha deficiência visual abriu meus olhos para a vida”, “Não precisei lutar contra a minha deficiência, só precisei aceitá-la”, “Decidi me aceitar e ignorar o fato de que sempre existiriam pessoas que não me aceitariam”, introdução e considerações finais. A obra busca apresentar em ordem cronológica os principais fatos sobre o ingresso desses profissionais no mercado de trabalho.

O livro desenvolvido é um Livro-Reportagem Perfil. Este se propõe a narrar de forma humanizada as situações de desafios enfrentados pelos entrevistados no ambiente de trabalho, questões nas quais suas capacidades como deficientes são questionadas. Além de resgatar as lembranças de sua jornada.

A utilização de fotografias visa retratar cada etapa do entrevistado, e utilizar esse recurso para humanizar a construção do texto literário. Os entrevistados foram tratados de

forma única, tendo em vista que cada personagem está em uma jornada diferente. As perguntas seguiram um roteiro já pré-estabelecido. Com o transcorrer das entrevistas, novas perguntas foram sendo feitas conforme o desenrolar das conversas, deste modo, foi possível enriquecer os relatos dos entrevistados. Na tabela 1, apresenta-se as perguntas que foram realizadas no momento da entrevista.

Tabela 1- Roteiro de entrevista

Qual sua deficiência?

Como lidou com a descoberta?

Como foi a vivência escolar com amigos e colegas com relação às suas limitações?

A família te apoiou nos momentos de maior adversidade quanto a sua deficiência?

Como a família te tratava? De maneira igual aos outros ou como uma pessoa com deficiência que necessitava de cuidados?

Como você lidou consigo mesmo quanto a sua deficiência? Como foi o processo de aceitação?

Como era a sua relação de amizades e relacionamento?

No mercado de trabalho você se sentia incapaz de realizar algum tipo de tarefa?

No local de trabalho você sentia que suas competências eram contestadas?

Você se sentia inferior às outras pessoas do seu trabalho?

O local de trabalho era acessível para você?

Os colegas de trabalho te tratavam de maneira diferente?

Você se sentia incluído no meio ambiente de trabalho?

Fonte: autoria própria.

4.1 Diário de campo

A busca realizada pelas fontes se deu em torno das universidades de origem da autora, a fim de averiguar os possíveis entrevistados. Após essa coleta, os perfis foram escolhidos. Vale ressaltar que uma das entrevistadas já era conhecida pela autora, tendo em vista que já haviam feito um trabalho juntas, e por conta disto, foi possível ter um contato

mais próximo com essa entrevistada. A primeira entrevista foi realizada face a face no local de trabalho da entrevistada, para identificar as especificidades, dificuldades e acessibilidade por ela relatada.

A primeira entrevistada foi a Victória Chaves. Durante o momento da entrevista, pude perceber as suas emoções, como o seu corpo se expressava, como os colegas de trabalho a percebiam como sendo uma pessoa com deficiência, o modo de tratamento e as oportunidades existentes para ela que se igualasse às demais pessoas do seu convívio de trabalho.

A segunda e terceira entrevistas foram realizadas de forma online via WhatsApp, pois eu não estava mais na minha cidade natal. Porém, isso não impediu que as entrevistas tivessem a mesma profundidade e consistência. Apesar de terem sido realizados a distância, me proporcionou a ter uma sensibilidade maior, clareza, e um modo de lidar diferente, para entender as singularidades do entrevistado. Suas emoções, anseios e dilemas. A cada conversa foram surgindo novas vertentes, e desta forma, me possibilitou construir as narrativas de cada personagem.

O meu depoimento como autora me proporcionou além de contar a minha trajetória como uma pessoa com deficiência. Eu, que ao longo dos anos vivenciei diversos obstáculos, através dos relatos dos meus entrevistados, lembrei as dificuldades, angústias e barreiras que vivenciamos diariamente. Isso só foi possível utilizando a base da perspectiva **etnográfica**, que pretende dar conta dos fatos do cotidiano que têm como pontos principais: entender, descrever e explicar os fenômenos sociais e culturais deste grupo social descrito no livro reportagem “memórias de uma jornada”.

4.2 Livro reportagem

A reportagem - onde se contam, se narram as peripécias da atualidade - um gênero jornalístico privilegiado. Seja no jornal nosso de cada dia, na imprensa não-cotidiana ou na televisão, ela se afirma como o lugar por excelência da narração jornalística. E é mesmo, a justo título, uma narrativa - com personagens, ação dramática e descrições de ambiente separadas, entretanto da literatura por seu compromisso com a objetividade informativa.

Esse laço obrigatório com a informação objetiva vem dizer que, qualquer que seja o tipo de reportagem (interpretativa, especial etc.), impõe-se ao redator o "estilo direto puro", isto é, a narração sem comentários, sem subjetivações. Houve, é verdade, um período "épico", em que o herói era o próprio repórter (a revista “O Cruzeiro” é o grande exemplo brasileiro),

com sua coragem e suas opiniões. Hoje, porém, a reportagem - mesmo com eventuais rasgos de heroísmo do repórter em sua atividade investigativa - é um gênero pautado por regras objetivas. Os tópicos a seguir pretendem dar conta de algumas dessas regras.

A narrativa, sabe-se, é todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado. Os fatos atribuídos a, por exemplo, Riobaldo e Diadorim da obra “Grande Sertão Veredas” de Guimarães Rosa, pressupõem a aceitação do mundo imaginado pelo escritor como algo suscetível de evocar um espaço humano real. O romance, o conto, o poema, constituem formas diferentes de narrativa.

Porém, a narrativa não é privilégio da arte ficcional. Quando o jornal diário noticia um fato qualquer, como um atropelamento, já traz aí, em germe, uma narrativa. O desdobramento das clássicas perguntas a que a notícia pretende responder (que, o que, como, quando, onde, por que) constituirá de pleno direito uma narrativa, não mais regida pelo imaginário, como na literatura de ficção, mas pela realidade factual do dia-a-dia, pelos pontos rítmicos do cotidiano que, discursivamente trabalhados, tornam-se reportagem.

Esta é uma extensão da notícia e, por excelência, a forma-narrativa do veículo impresso, embora a entrevista, sobretudo o perfil, possa também, às vezes, assumir uma forma narrativa. A reportagem constitui, assim, basicamente, um dos gêneros jornalísticos. Existem diferentes estilos de reportagem, é necessário perceber qual a finalidade que propõem. Para a construção do Livro-Reportagem me apropriei do estilo “personagem-indivíduo” proposto pelos autores Sodré e Ferrari (1996).

“o retrato é mais psicológico do que referencial - o interesse recai sobre a atitude do entrevistado diante da vida, seu comportamento, a peculiaridade de seu modo de atuação”. (SODRÉ E FERRARI, 1996, p. 134)

O Livro-Reportagem surge com o objetivo de mostrar ao leitor uma nova opção de história narrada, fugindo da tradicional notícia factual que o leitor está habituado a consumir. Uma das grandes características deste gênero é a humanização do texto e a observação por parte do jornalista/escritor.

Como uma forma de ajudar na compreensão das diversas temáticas que o gênero Livro Reportagem pode abordar. De acordo com Lima (2004), existem treze classificações sobre o gênero em questão e em razão da temática do trabalho. Será abordada a classificação do Livro-Reportagem Perfil, pelo fato de utilizar as memórias como sendo parte da categoria de narrativas biográficas.

O livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse grau de amplitude superior pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos -, quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores. (LIMA, 1995, p.29).

O gênero jornalístico que permite um maior aprofundamento do relato e uma maior extensão é a reportagem. A concepção de um livro-reportagem requer informação capaz de superar as barreiras do imediato e do superficial, de modo a fazê-lo permanecer como objeto de interesse por muito e muito tempo. Pede também densidade, análise, conteúdo. Esses dois fatores estão quase sempre associados à extensão do texto e à capacidade do autor de construí-lo. A edição de um livro exige algumas condições no que tange à forma e ao conteúdo. Dois aspectos diferenciam o livro-reportagem dos jornais: a periodicidade e a atualidade.

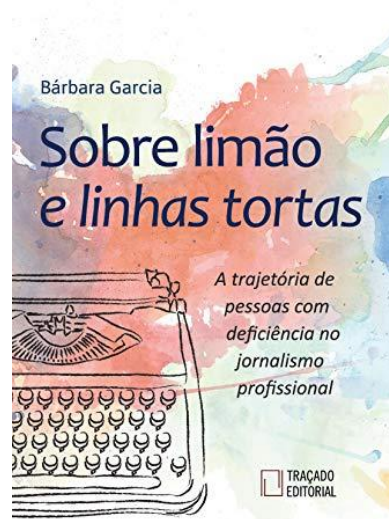
Segundo Lima (1995), a periodicidade tem quase sempre caráter monográfico, assim como seu conceito de atualidade deve ser compreendido sob uma ótica de elasticidade maior do que o que se aplica às publicações periódicas. Ou seja, o núcleo central do tempo presente deixa de ser o fato desencadeador central da ocorrência em si, para ser muito mais o seu contexto, obrigando a prática jornalística dos veículos impressos não diários a entrar cada vez mais no terreno da opinião, da interpretação e do aprofundamento dos fatos. Nesse sentido, Lima (1995), sugere uma substituição do conceito de atualidade pelo de contemporaneidade, fazendo uma referência à plasticidade e à elasticidade que o tempo presente ganha no livro.

O livro-reportagem também tem exercido um papel fundamental para a utilização de recursos literários no jornalismo, que foi desenvolvida pelo “new journalism” americano, nos anos de 1960 a 1970. Nesse período, a grande reportagem, em especial na forma de livro, ganhou impulso na imprensa americana. No Brasil, esse veículo ganhou notoriedade no fim da década de 1980, tendo como gênero predominante o Jornalismo Literário. Atualmente, se destaca por apresentar excelentes textos jornalísticos, principalmente no meio acadêmico.

Neste processo alguns livros auxiliaram na construção deste livro reportagem: "Sobre Limões e Linhas Tortas: A trajetória de pessoas com deficiência no jornalismo profissional", de Bárbara Garcia, que partilha os testemunhos de alguns jornalistas PCD e os seus percursos, picos de carreira e curiosidades. Pela proximidade do tema, foi observado a

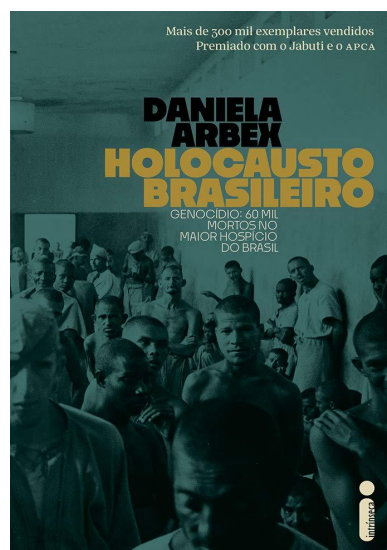
construção do livro, escolha dos personagens e sua abordagem em relação aos entrevistados. Outro livro em questão utilizado foi o Livro Reportagem Perfil: Jornalismo na década de 1970: Uma história do jornalismo no Amapá na década de 70 - Eloisy Karoliny e Silvia Andréa. Neste livro percebeu-se como foi desenvolvida a narração de cada um dos envolvidos e estruturação dos diálogos dentro do texto. Por fim, outro livro inspirado foi da autora Daniela Arbex, "Holocausto Brasileiro", onde apreciou-se o design do livro, escolha das imagens e estilo de escrita.

Figura 3- Livro “Sobre limão e linhas tortas”



Fonte: Retirado do site da Amazon (2023).

Figura 4- Livro “Holocausto Brasileiro”



Fonte: Retirado do site da Amazon (2023).

4.3 Produção da reportagem

Todos os perfis seguem o mesmo processo de produção. O tema e o objetivo de cada capítulo foram considerados na seleção das fontes. A análise tem como foco profissionais recém-formados na capital maranhense. Foram escolhidos três entrevistados para o livro. Após a escolha das pessoas, criei um guia para me auxiliar no processo da pauta, busquei informações que serviram de norte para a construção de uma boa narrativa. Serviu como um roteiro elaborado para auxiliar na entrevista e na estruturação do próprio relatório do livro. As perguntas foram realizadas segundo o contexto histórico e cultural da vida pessoal, da vida profissional e do perfil.

Inicialmente, foi desenvolvida uma pauta geral para todas as conversas. A ideia é que todos os perfis respondessem às mesmas perguntas, mostrando diferentes perspectivas sobre os mesmos temas. As imagens foram selecionadas com base em momentos marcantes da vida dos entrevistados que aparecerão no livro. Essas imagens transmitem o sentimento de cada ocasião. Todas as imagens foram escolhidas por eles e filtradas pelo autor de acordo com os temas apresentados no livro. "Essa tecnologia nos fez perceber que fotografias, documentos e materiais de todos os tipos podem servir de base para um texto elaborado, seja literário ou jornalístico. Para isso, é preciso especificar o objeto em questão, procurando proporcionar ao leitor elementos ou o que aconteceu. O texto é enquadrado por cada etapa do entrevistado, dividido por subtítulos e fotografias que compõem as histórias que inspiraram o texto.

Essas fotografias podem servir de subsídio para um jornalista, possibilitando que ele descreva um fato importante ou até mesmo a própria imagem. Como técnica importante na prática do jornalismo literário, a descrição da cena é descrita por meio da própria memória e método de observação do entrevistado. O processo de produção de perfis não segue linearidade. Para os perfis criados para este trabalho, o objetivo é simplesmente conectar-se com as pessoas que serão perfiladas, buscando observá-las e entendê-las.

Analisei o material no final de cada entrevista com os personagens, busquei elementos relevantes que descrevessem o tema em questão, tendo em vista que, cada um dos entrevistados tem uma história única, partilhados de diferentes ocasiões. Um texto tem poder quando cativa o leitor e o leva ao final da narrativa. A assunção deste resultado tem a ver com a escolha dos elementos que se combinam de forma a produzir um efeito. Essa influência pode ser emocional ou racional.

Clareza é um atributo integral do jornalismo, envolvendo objetividade da narrativa para compreensão imediata. A coesão refere-se à compressão de elementos; envolve

não apenas acumulação, mas também concentração e síntese de operações sobre recursos narrativos e descritivos. Tem a ver com a dose dos elementos em ordem (para dar conta da condensação), mas faça essa dose até o ponto máximo da história.

Atrase deliberadamente a narrativa, criando o "suspense" necessário para manter a curiosidade do leitor; momentos de tensão e expansão podem se alternar. A novidade pode estar relacionada a acontecimentos inéditos (histórias surpreendentes), mas também envolve um olhar diferenciado sobre qualquer assunto, uma perspectiva percebida sobre fatos, pessoas ou assuntos que não deixam dúvidas. Não significa necessariamente quebrar as estruturas formais, mas, sobretudo, assumir uma abordagem original do caráter imprevisível dos textos, tanto no conteúdo, como na forma. Não basta ser verdadeiro; o relatório deve ser verdadeiro – crível. Isso requer certas habilidades de seleção e combinação de elementos. Os dados usados para escrever o relatório devem ser uma representação fiel dos fatos. Resumindo: o autor controla o realismo, mas não pode ignorar o leitor e seu possível cansaço.

A inovação pode estar no comportamento do narrador: dialogar com o leitor e com o "repórter de campo", como um locutor; estar presente a cena, e registrar tudo como uma câmara cinematográfica, que ora se aproxima em dose, ora se afasta para uma panorâmica; ser onisciente, com informações de arquivo, recortes de jornal etc. Tudo isso ultrapassa o simples recurso cinematográfico (já incorporado à moderna narrativa jornalística); o que se tem é a assimilação da técnica documental de tevê, além da possibilidade de trazer um final surpreendente.

Nesses casos, o real é engendrado para produzir determinado efeito, mas a partir de dados fornecidos pelo próprio real; essa forma ficcional atende ao tema e sua problemática. Ainda assim, uma diferença se impõe entre literatura e jornalismo: na primeira, predomina o imaginário; no segundo, deve predominar a realidade dos fatos narrados. Além da verossimilhança, portanto, a reportagem não pode esquecer seu compromisso com a verdade - que poderíamos chamar de autenticidade dos fatos.

Há muitas maneiras de narrar uma história, mas nenhuma pode prescindir de personagens. Também são inúmeras as formas de apresentá-los, caracterizá-los ou fazer com que atuem. De qualquer modo, existe sempre um momento da narrativa em que a ação se interrompe para dar lugar à descrição (interior ou exterior) de um personagem. É quando o narrador faz o que, em jornalismo, convencionou-se chamar de perfil. Em jornalismo, o perfil significa enfoque na pessoa - seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é protagonista de uma história: sua própria vida. Diante desse herói (ou anti-herói)

o repórter tem, geralmente, dois tipos de comportamento: ou mantém-se distante, deixando que o focalizado se pronuncie, ou compartilha com ele um determinado momento e passa ao leitor essa experiência.

No primeiro caso, temos a entrevista clássica, que não exige necessariamente o contato pessoal (pode ser feita por telefone ou por escrito). O texto consiste numa apresentação sumária, feita de dados referenciais, seguida de perguntas e respostas. Na maioria dos casos, termina com a palavra do entrevistado. Às vezes, porém, há um pequeno fecho, ligeiramente pronunciante, mas de modo geral distanciado. O texto foi escrito no estilo de Jornalismo Literário, a introdução foi trabalhada com elementos que conferem leveza e profundidade ao texto. Além disso, os perfis são produzidos com elementos que dão leveza e aprofundamento ao texto.

4.4 Escrita do texto

A narrativa biográfica supõe uma modalidade de escrita da História profundamente imbricada nas subjetividades, nos afetos, nos modos de ver, perceber e sentir o outro. Talvez este seja o grande desafio do trabalho biográfico, segundo Borges (2009), ao falar do seu personagem, o biógrafo, de certa forma, fala de si mesmo, projeta algo de suas emoções, de seus próprios valores e necessidades. Se o rigor do seu ofício garante ao historiador a legitimidade para tratar de seu personagem, as suas motivações podem ser sempre colocadas em xeque.

Se a autobiografia fosse apenas uma biografia narrada em primeira pessoa seria mais um tipo de biografia. Contudo, a autobiografia tem peculiaridades que emanam de sua construção composicional que a fazem um gênero do discurso inteiro, pronto, constituído. É um gênero do discurso formal, padrão, embora seja íntimo, ou seja, nos dá uma sensação de informalidade e estabelece dessa forma um contrato de adesão, muito particular entre as partes envolvidas: o leitor e o autor. Ora, o eu, que deriva de um posicionamento enunciativo-discursivo mais óbvio na autobiografia canônica (narrada em primeira pessoa), tem uma absoluta relevância no estabelecimento do acordo entre o autor da autobiografia e seu leitor (MATTOS, 2020).

A autobiografia exige um compromisso entre autor e leitor: a veracidade de um nome próprio. Um nome próprio ligado a uma existência, a uma pessoa, a uma vida. Um nome próprio, que faz da personagem e do narrador a mesma pessoa, que funde a personagem protagonista ao autor. Um nome próprio que dá legitimidade ao texto de caráter autobiográfico. O “eu” como pronome pessoal de primeira pessoa do caso reto assinala uma

identidade enunciativa. É concomitantemente sujeito da enunciação e sujeito do enunciado. O “eu” é um elemento do discurso, que no caso da autobiografia tem grande relevância, contudo não substitui a importância do nome próprio – embora não se deva negligenciar a relação estreita entre o nome do autor e o “eu” enunciativo. (AVELAR, 2010).

Por fim, autobiografia é um gênero discursivo, que representa uma inovação, um desvio na rota de colisão entre autor e personagem comum a outros gêneros do discurso da esfera de atividade humana literária. Nela, o autor é personagem de si mesmo e esse é o paradoxo, pois sendo a forma biográfica a mais realista, há nela menos elementos de isolamento (a presença do outro) e de acabamento. O autor de autobiografia mesmo narrando sua própria história só vai coexistir diante de alguém, diante de um leitor, diante de si mesmo e das personagens que ajudam compor a sua história.

Desse modo, levou-se em consideração o contexto de cada entrevistado e suas histórias, expressando a sua individualidade, dificuldades, medos e mazelas em relação às questões cotidianas vivenciadas por cada um. Cada personagem foi cuidadosamente resguardado, respeitado ao compartilhar a sua jornada de vida.

4.5 Escolha de título e capa

Para a escolha do título levou-se em consideração a abordagem do tema, bem como a construção das narrativas de cada um dos personagens e suas histórias. A capa seguiu a mesma proposta, se propondo a transmitir como estes se enxergavam ante as suas deficiências e os desafios que os acompanham em decorrência de padrões já estabelecidos diante da sociedade e é essa sensibilidade que queríamos trazer no livro.

Figura 5- Livro “Memórias de uma jornada”



Fonte: Autoria própria.

4.6 Capítulo de depoimento pessoal

O capítulo se justifica pelo fato de a autora ser portadora de deficiência e ter experimentado, em sua formação, a discriminação por parte de outros colegas dentro da universidade. Como também, o enquadramento social que não leva em conta suas capacidades profissionais e preparo, mas o preconceito com a deficiência e a reserva de vagas no mercado. Dessa maneira, buscou-se trazer familiaridade de situações cotidianas que esta passou e que os seus entrevistados também vivenciaram em suas jornadas individuais.

Figura 6- Capítulo de depoimento da autora.



Fonte: Autoria própria.

4.7 Definição de cada capítulo

A definição de cada capítulo parte de uma estruturação que se dispõe a narrar os relatos de seus entrevistados de forma particular, envolvidos em suas singularidades, legitimando suas trajetórias e fatos vividos, ajudando a contar com riqueza de detalhes suas histórias. Com a finalidade de aproximar o leitor da realidade enfrentada por cada um dos personagens, e os conscientizando acerca da luta contra o preconceito e a favor dos direitos das pessoas com deficiência.

Figura 7- Capítulo de depoimento da Victória Chaves



Fonte: Autoria própria.

Figura 8- Capítulo de depoimento da Maxiny Foicinha



Fonte: Autoria própria.

Figura 9- Capítulo de depoimento do Ronilson Almeida



Fonte: Autoria própria.

4.8 Escolha de formato e diagramação

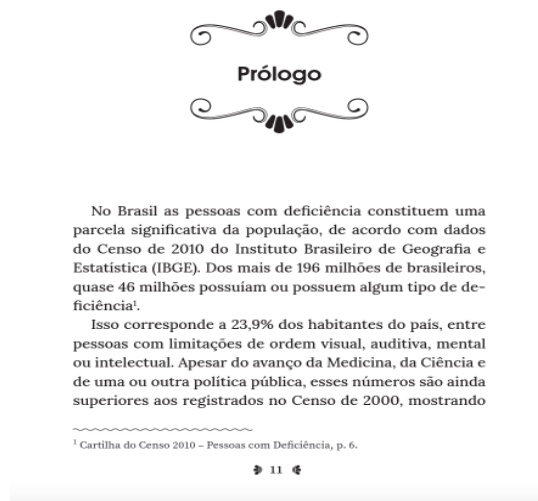
O livro é composto por relatos de pessoas com deficiência que compartilham suas memórias em cada um dos três capítulos e o depoimento da autora. A partir desta perspectiva, o designer gráfico do exemplar foi desenvolvido com o intuito de garantir uma leitura agradável com traços que remetem ao conteúdo do livro.

A cor branca para o fundo das páginas foi escolhida para garantir uma leitura leve e focada no texto. A tipografia escolhida foi a fonte do modelo *Serif* e *Sans Serif*, sendo a “Evolventa” definida para os títulos dos capítulos, a “Lora” para o corpo do texto e a “Source Serif Pro” para intertítulos, a fim de deixar harmonioso e simples cada página.

A concepção da capa se deu a partir da ideia de representar o retrato de cada personagem com aspectos característicos da fotografia de novelas e filmes, ao mostrarem as memórias dos personagens. O mesmo retrato é ampliado no início de cada capítulo para que o leitor faça uma assimilação do nome do personagem – enunciado no início do capítulo – com a imagem.

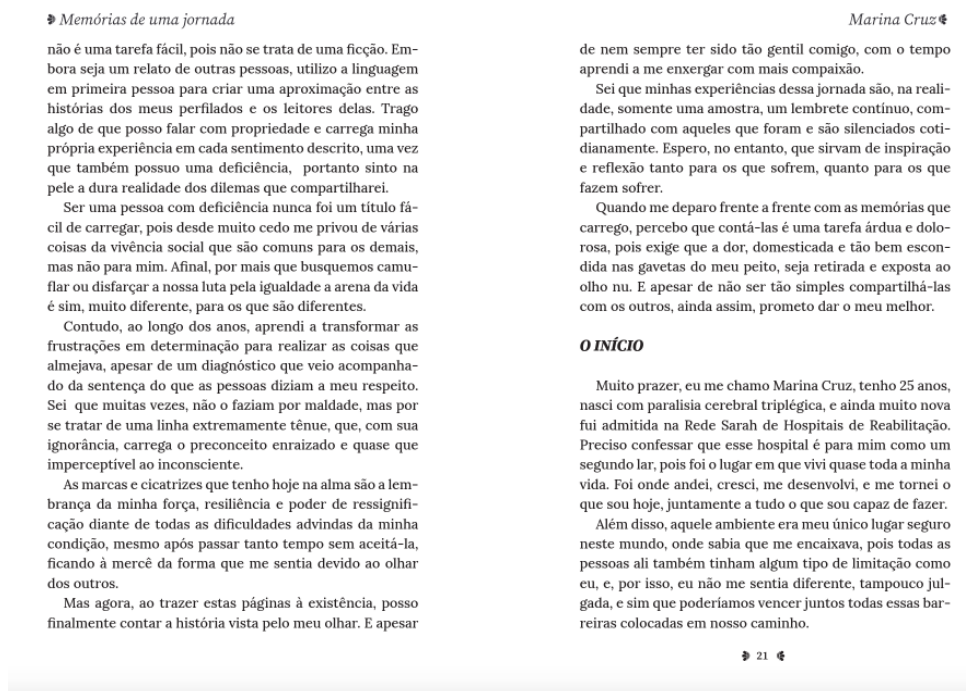
Ademais, o livro possui algumas formas desenhadas para deixar a obra com mais riqueza de detalhes. O formato escolhido para produzir o livro foi ebook por permitir o acesso em vários dispositivos móveis, que possibilita adaptar o texto e o layout às proporções da tela.

Figura 10- A tipografia escolhida para o livro “Memórias de uma jornada”



Fonte: Autoria própria.

Figura 11- Fonte escolhida para o corpo do texto e intertítulos para o livro “Memórias de uma jornada”



Fonte: autoria própria.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade deste trabalho foi construir um livro-reportagem, de modo que se pudesse ter uma outra visão acerca dos desafios que as pessoas com deficiência enfrentam diariamente, fazendo um resgate das suas trajetórias por meio das narrativas de vida de cada personagem. Sobretudo, em suas carreiras profissionais que refletem ainda muita desigualdade, hostilidade e preconceito. Como também, desvelar o percurso segregador que estas pessoas passaram ao longo de suas jornadas.

O projeto me possibilitou compreender ainda mais o meio em que estou inserida, compartilhando das dores, desafios e percalços que no decorrer da caminhada pude presenciar na vida dos meus entrevistados. Assim, o processo de construção deste livro foi importante por poder externalizar histórias que antes eram desconhecidas pela sociedade. Este projeto passou por muitos percalços, que ao longo da estrada tiveram que ser reinventadas no modo de contar, transmitir e sentir cada fase dos meus personagens. Narrar estes percursos me exigiu um desprendimento de meus valores, crenças e visão de mundo.¹

Escrever este livro me possibilitou muitos ensinamentos, pois me permitiu estimular a minha sensibilidade como jornalista no processo de humanização da reportagem e na construção e afirmação na luta pelos direitos das pessoas com deficiência. Este produto buscou dar maior visibilidade a estas questões, compartilhando histórias de pessoas reais que vivenciam na pele a exclusão social, a fim de quebrar estereótipos sociais e culturais que tanto os seus entrevistados passam cotidianamente quanto a autora que também partilha da mesma angústia.²

A aproximação do leitor aos personagens que leram as páginas do livro "Memórias de uma jornada" permite desconstruir o preconceito enraizado, dando espaço para abordagens mais aprofundadas para tratar de questões tão complexas como as que rondam as pessoas com deficiências.

¹Este parágrafo é utilizado em primeira pessoa por trazer a justificativa pessoal da autora.

²Ibidem.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Luiz Alberto David (coordenador). **Defesa dos direitos das pessoas portadoras de deficiência**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2006.
- ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro: Genocídio 60 mil mortos no maior hospício do Brasil**. 1º ed. Brasil: Intrínseca, 2019, 280p.
- AVELAR, Alexandre De Sá. **A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões**. Dimensões, vol. 24, 2010, p. 157-172. ISSN: 1517-2120.
- BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisas em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BORGES, Vavy Pacheco. **O “eu” e o “outro” na relação biográfica: algumas reflexões**. In: NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel; BREPOHL, Marion (Org.). *Figurações do outro*. Uberlândia: EDUFU, 2009, p.225-238.
- BRAGA, José Luiz. **Comunicação, disciplina indiciária**. In: Matrizes, n.2, abril. USP, 2008.
- BRASIL.[Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.
- BRASIL. Lei 8.213, de 24 de julho de 1991. Consolida a legislação que dispõe sobre os Planos de Benefícios e Custeio de Previdência Social e sobre a organização da Seguridade Social, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 14 ago, 1998.
- CARLÓN, Mario; FAUSTO NETO, Antônio (orgs). **Las políticas de los internautas: nuevas formas de participación**. Buenos Aires: La Crujía, 2012. p.173-194
- CASTRO, Paulo César (org.). **A circulação discursiva: entre produção e reconhecimento**. Maceió: EDUFAL, 2017. p. 25-48.
- CASTRO, Shamyry Sulyvan de. **Prevalência de deficiências e estado de saúde dos deficientes: inqueritos de saúde de base populacional realizado em municípios do Estado de São Paulo**. São Paulo: s.n., Dissertação (Mestrado), Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 2006.
- CRESPO, Ana Maria Morales. **Informação e deformação: a pessoa com deficiência na mídia impressa**. São Paulo: s.n., Dissertação (Mestrado), Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2000.
- FÁVERO, Eugênia Augusta Gonzaga. **Direitos das pessoas com deficiência - garantia de igualdade na diversidade**. Rio de Janeiro: WVA, 2004.
- FEIJÓ, Alexsandro Rahbani Aragão. **Direitos humanos e proteção jurídica da pessoa portadora de deficiência: normas constitucionais de acesso e efetivação da cidadania à luz da Constituição Federal de 1988**. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Míni Aurélio: O dicionário da língua portuguesa**. 6 ed. Curitiba: Editora Positivo Ltda, 2004.

FORD, Aníbal. **La marca de la bestia. Identificación, desigualdades e infoentretenimento em la sociedad contemporânea**. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 1999. p. 245-287

FORREST Gump: O contador de Histórias. Produção de Robert Zemeckis. Roteiro: Eric Roth. Estados Unidos, 1994. (142 min.), DVD, son., color.

GARCIA, Bárbara. **Sobre limão e linhas tortas: a trajetória de pessoas com deficiência no jornalismo profissional**. 1º ed. Brasil: traçado editorial, 2018, 160p.

GORBACH, Romaniia. **Jornalistas com deficiência compartilham suas histórias**. 2020. Elaborada por Romaniia Gorbach. Disponível em: <https://ijnet.org/pt-br/story/jornalistas-com-defici%C3%Aancia-compartilham-suas-hist%C3%B3rias>. Acesso em: 19 jan. 2023.

GRACIA, Frederico Antônio (coord.); XAVIER, Cristina A.; OLIVEIRA, Vera Lucia Leite de (org). **Deficiência com eficiência: dos direitos da pessoa portadora de deficiência**. São Paulo: Comissão dos Direitos da Pessoa com Deficiência – OABSP, 2006.

HINE, C. **Virtual Ethnography: Modes, Varieties, Affordances**. In N. Fielding, *The SAGE Handbook of Online Research Methods* (1st ed.) 2008.

SAKER, Fernando Augusto Simões. **Jornalismo e pessoas com deficiência: Construção de conceitos e superação de estigmas por meio da comunicação**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, São Paulo, 2010.

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

LATOUR, B. **Jamais fomos Modernos - ensaios de Antropologia Simétrica**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. Ed.34 25. 1994.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Tradução de Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1973.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da literatura**. Ed. rev. e atual. Barueri, SP: Manole, 2004.

MACKENZIE; WAJCMAN. Donald, Judy. **The Social Shaping of Tchnology, Second Edition**. Open University Press, Buckingham, UK. 1999.

MATTOS, Tiago Ramos e. **A inter-relação imanente entre biografia, autobiografia e literatura diáspora na história de vida de gilberto gil**. v. 9, n. 1, p. 379- 398, mai. 2020.

MOURA, Cláudia Peixoto de; VASSALLO DE LOPES, Maria Immacolata (orgs). **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 77- 98.

NASCIMENTO, Rui Bianchi do. **A visão parcial da deficiência na imprensa: Revista VEJA (1981-1999)**. São Paulo: s.n., Dissertação (Mestrado), Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, p-45, 200.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Relatório Mundial de Violência e Saúde**. Genebra: OMS, 2002.

SANTOS, Eloisy Karoliny Almeida dos; MACIEL, Silvia Andréa dos Santos Cruz. **O Jornalismo Setentinha: a história da imprensa amapaense na década de 1970**. Amapá: Editora da Universidade Federal do Amapá, 2018. 114 p. Disponível em: <https://www2.unifap.br/editora/files/2018/12/O-jornalismo-setentinha.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2023.

SHEPPARD, E. **Antropology Goes Online Interactions**. University of St. Andrews Library Journal. V.1, nº2. 2011.

SKÅGBY, J. **Online Ethnographic Methods: Towards a Qualitative Understanding of Virtual Community Practices**. Copyright IGI Global. Linköping, Sweden. 2011.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

VERÓN, Eliseo. **Esquema para el análisis de la mediatización**. In: Publicado na Revista Diálogos de La Comunicación, n.48, Lima: Felafacs, outubro/1997.

WESCHENFELDER, Aline. **Manifestações da midiatização – transformação dos atores sociais em produção e recepção: o caso Camila Coelho**. 2019. 243f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2019.